

**MARIA FIRMINA DOS REIS PARA ALÉM DAS MORDAÇAS:
CRÍTICA TEXTUAL DO ROMANCE *ÚRSULA***

**MARIA FIRMINA DOS REIS BEYOND THE GAGS:
TEXTUAL CRITICISM OF THE NOVEL *ÚRSULA***

Rafael Guimarães Tavares da Silva
(FALE/ UFMG)¹

Sara Camila Barbosa dos Anjos
(FALE/ UFMG)²

Resumo: Partindo de uma breve reflexão sobre a importância da edição na sobrevivência e circulação de obras literárias, voltamo-nos para o caso do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. A biografia da autora — pobre, negra e mulher —, lutando para se firmar como uma referência intelectual importante na segunda metade do século XIX, num Brasil aristocrático, patriarcal e escravocrata, indica a que ponto o destino das obras está ligado à posição social de seus autores. Revisitando o processo de “redescoberta” de *Úrsula* no final do século XX, propomos o cotejo de uma edição eletrônica recente com a versão facsimilar da *editio princeps* a fim de encontrar os lugares-críticos e compreender os meandros do processo de edição e atualização a que obras como a de Maria Firmina dos Reis têm sido submetidas no afã de quem tem o nobre propósito de divulgá-las, ainda que nem sempre disponha da formação acadêmica necessária para fazê-lo em conformidade com os princípios mais básicos da crítica textual.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Crítica Textual; Literatura Afro-Brasileira.

Abstract: After a brief reflection on the importance of editing in the survival and circulation of literary works, we turn to the case of the novel *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis. The biography of this authoress — poor, black and woman —, struggling to establish herself as an important intellectual reference in the second half of the 19th century, in an aristocratic, patriarchal and slavocratic Brazil, indicates to what extent the fate of the works is linked to the social position of their authors. Revisiting *Úrsula*'s “rediscovery” process at the end of the 20th century, we propose the comparison of a recent electronic edition with the facsimile version of the *editio princeps* in order to find the critical places and understand the intricacies of its editing and updating process. We conclude suggesting the textual problems that works such as that of Maria Firmina dos Reis have been facing due to the eagerness of those who have the noble purpose of

¹ Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Minas Gerais). Orcid: 0000-0002-8985-8315. E-mail: gtsilva.rafa@gmail.com

² Graduada em Letras Clássicas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Orcid: 0000-0001-7574-7289. E-mail: sctbanjos@gmail.com

disseminating them, even though they do not always have the necessary academic training to do so in accordance with the most basic principles of textual criticism.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; Textual Criticism; Afro-Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Editar um texto não é uma atividade neutra. A história do desenvolvimento de uma prática e uma teoria da crítica textual mostra que o processo de transmissão de uma obra experimenta várias peripécias e, frequentemente, fica à mercê de decisões arbitrárias por parte de bibliotecários, copistas e editores. Isso é mais evidente no caso de obras antigas, devido à longa extensão de seu processo de transmissão, incluindo vários momentos de transposição textual e mudanças de suporte material, com consequências bastante negativas para a sobrevivência desse material. Quantas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides não se perderam desde que foram compostas no período clássico em Atenas? E quantas outras tragédias de contemporâneos deles não foram transmitidas? Quantos poemas de Safo, Anacreonte e Corina — mesmo tendo chegado à Biblioteca de Alexandria — não conseguiram sobreviver para fazer parte das edições modernas das obras desses autores?³ Algo dessa mesma ordem, contudo, também se encontra em jogo no caso de obras modernas e pretendemos explicitar uma das facetas dessa questão a partir de um estudo da obra de Maria Firmina dos Reis, com seu romance *Úrsula*.

As especificidades de nosso trabalho têm relação com aspectos históricos e biográficos que gostaríamos de adiantar desde logo para já apresentar algumas questões sobre as quais precisaremos refletir: esse livro foi originalmente publicado em 1859, na cidade de São Luís do Maranhão, no Brasil, por uma autora que se identificava no frontispício simplesmente como “Uma maranhense”. Pobre, negra e mulher, Maria Firmina experimentou as dificuldades de fazer valer sua voz não apenas no contexto de sua própria época — onde o patriarcalismo bacharelesco e preconceituoso do Brasil oitocentista ditava as regras de quem podia falar, onde, quando e como —, mas também nas décadas seguintes: silenciada, excluída, esquecida, Maria Firmina só voltou a ser ouvida mais de um século depois, em 1975, quando sua obra foi resgatada e republicada em versão facsimilar pelo bibliógrafo Horácio de Almeida. Desde então o interesse pela

³ Para mais detalhes sobre o processo de transmissão de textos antigos, cf. REYNOLDS; WILSON, 1991.

vida e pelos trabalhos dessa grande autora tem crescido exponencialmente, a ponto de seu romance ser considerado hoje o ponto inaugural da literatura afro-brasileira (DUARTE, 2017, p. 230).

Infelizmente, a excepcionalidade de Maria Firmina no âmbito da história literária brasileira é paradigmática do destino reservado às figuras marginalizadas por nossa sociedade. Miséria crônica, racismo estrutural e sexismo de base patriarcal são algumas das estruturas de opressão que buscam garantir a impossibilidade de acesso à educação e às posições de poder social por parte de pessoas que sejam pobres e/ou negras e/ou do sexo feminino. Isso para não mencionar questões de sexualidade e identidade de gênero. Essas mesmas estruturas desempenham papel preponderante no tipo de (não) recepção reservado a obras de outros autores marginais: o caso de Carolina Maria de Jesus, por exemplo, ilustra muito bem esse processo (SILVA, 2019, p. 1-4), ainda que pudéssemos acrescentar os casos de resistência às obras do escritor Lima Barreto, da psicanalista Virgínia Bicudo e das escritoras Geni Guimarães e Conceição Evaristo, entre outras.

Nossa proposta de análise e comparação de algumas edições da obra-prima de Maria Firmina dos Reis visa a tentar compreender a parte mais recente desse processo de transmissão textual. Experimentando as vicissitudes da era digital, como tem se portado *Úrsula* e o que se encontra em jogo nos desdobramentos desse processo na atualidade?

BREVE BIOBIBLIOGRAFIA DA AUTORA

Para situar a vida de Maria Firmina dos Reis, recorramos aqui a um trecho longo da introdução que a estudiosa responsável pelo melhor trabalho recente de crítica textual de *Úrsula* propõe:

Filha ilegítima de pai negro, negra ela própria, e proveniente de família de posses modestas, a autora carregava todos os marcadores da desclassificação social. Conforme sabemos, Firmina, nascida em 11 de outubro de 1825 — ou 11 de março de 1822 — foi registrada filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis, em São Luís. Segundo consta, seus pais não eram casados. Quando ela contava cinco anos de idade, sua mãe se mudou para Guimarães, indo viver com Firmina e a irmã desta na casa ali mantida por sua tia Henriqueta, de melhores posses. Mais tarde, Henriqueta também se mudou para a vila, juntamente com a avó das meninas. Em suas recordações, Maria Firmina relembra a infância passada no isolamento da casa, tendo

como amigas apenas a irmã e uma prima, situação que lhe teria provocado, quando ainda era criança, um agudo senso de mal-estar (queixumes, em suas palavras). (MACHADO, 2018, p. 21-22).

Maria Helena Machado destaca, com razão, o contraste entre essa infância humilde e a excepcionalidade do destino de Maria Firmina: segue seus estudos e conquista a vaga de mestra em 1847, tornando-se a primeira professora de primeiras letras do município de Viamão. Consciente desde jovem sobre as questões da escravidão, essa professora se dedica ao ensino de maneira entusiasmada e deixa uma marca indelével na história da região onde trabalha. Não bastasse seu trabalho didático-pedagógico, Maria Firmina é dotada de um espírito filantrópico e, embora jamais se case, adota mais de uma dezena de crianças ao longo de sua vida, incluindo filhos e filhas de escravas (MACHADO, 2018, p. 23-24).

Evidentemente, esses aspectos biográficos são constitutivos de muitas passagens importantes da obra da autora. Sua proximidade de grupos subalternos — como aqueles formados por escravos, escravas e mulheres sertanejas — fundamenta na realidade da opressão a pungência de suas palavras, a precisão de suas imagens. Maria Firmina sente essa realidade na própria pele, uma vez que o trabalho de reconstituição de sua biografia indica a luta necessária para tentar se firmar entre a intelectualidade literária de seu tempo: José Nascimento Morais Filho (1975) conseguiu recuperar vários documentos não apenas sobre a produção literária da autora, mas também sobre a resistência que sua obra encontrou em seu contexto de publicação, como atestam algumas críticas de jornal.⁴

Em todo caso, além do romance romântico *Úrsula* (1859), Maria Firmina escreveu também o romance indianista *Gupeva* (1861), o conto abolicionista “A escrava” (1887) e uma série de poemas publicados em jornais do Maranhão. Ela participa da antologia poética *Parnaso maranhense* (1861) e, dez anos depois, reúne sua poesia no livro *Cantos à beira-mar*. Em seu trabalho de reconstituição do *corpus* de Maria Firmina, José Nascimento Morais Filho descobriu ainda — além de músicas (incluindo letras e partituras), como “Hino à Libertação dos Escravos” (1888), valsas, autos e pastorais — um material autobiográfico intitulado “Álbum”, que veio a publicar, apesar do estado fragmentário em que o recebeu da família.

⁴ Exemplos das dificuldades enfrentadas por Maria Firmina na recepção crítica de sua obra na época são citados por Machado (2018, p. 20-21; p. 28).

Maria Firmina dos Reis não consegue se firmar em vida como um grande nome da intelectualidade maranhense. Publica suas obras, atua incansavelmente na educação para transformar a vida das pessoas de sua sociedade e deixa uma lembrança saudosa em quem pôde conhecê-la (MACHADO, 2018, p. 24).

Sua obra permanece fundamental não apenas porque constitui um precoce testemunho feminino e negro sobre a realidade patriarcal e escravocrata do Brasil oitocentista, mas também porque se ergue como um grito de denúncia e crítica dessa realidade: qualquer leitura de *Úrsula* é confrontada com a sistematicidade das formas de violência perpetradas por homens brancos poderosos contra mulheres e pessoas escravizadas; é impossível ficar indiferente às reivindicações de Túlio, Mãe Susana e da própria *Úrsula*. Suas palavras ecoam através dos séculos e evocam ainda hoje uma tomada de consciência para o que pode haver de estruturalmente violento em nossa história, apesar das inúmeras tentativas de silenciar, excluir e esquecer os gritos das pessoas oprimidas que se revoltam contra essa situação

LISTA DAS EDIÇÕES PUBLICADAS ATÉ O PRESENTE

Como mencionamos anteriormente, a lista das edições de *Úrsula* sofre do longo esquecimento a que foi condenada a obra após sua primeira publicação e, apesar de haver um interesse crescente pela autora e seus escritos nas últimas décadas, as edições de que dispomos são apenas as seguintes:

- 1) *Úrsula: romance original brasileiro*. San’Luiz: Typographia do Progresso, 1859.
- 2) *Úrsula: romance original brasileiro*. Edição fac-similar organizada por José Nascimento Morais Filho. Prefácio de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luís: Governo do Maranhão, 1975. Disponível em: <<https://rl.art.br/arquivos/5656766.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.
- 3) *Úrsula: romance original brasileiro*. Organização, atualização e notas por Luiza Lobo. Introdução de Charles Martin. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988.
- 4) *Úrsula*; “A escrava”. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. 4. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 5. ed. Edição comemorativa dos 150 anos da publicação do romance. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

- 5) *Úrsula*; “A escrava”. Atualização do texto, cronologia e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. 6. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017. 7. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.
- 6) *Úrsula*. Estabelecimento do texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado; cronologia de Flávio dos Santos Gomes. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.
- 7) *Úrsula*. Projeto editorial integral Eduardo Rodrigues Vianna. 2. ed. Jundiaí, SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018. Disponível em: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.
- 8) *Úrsula e outras obras*. Editor responsável Wellington Brandão. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/35999>>. Acesso em 16 mar. 2021.
- 9) *Úrsula*. Primeira edição digital. S/d. Disponível em: <<https://odanoburu.github.io/ursula/>>. Acesso em 25 mar. 2021.

DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO CRÍTICAS DAS EDIÇÕES EM ANÁLISE

Até onde se tem notícia, não sobrevivem quaisquer rastros dos manuscritos originais de *Úrsula*. Na verdade, como mencionamos acima, a própria *editio princeps* esteve por muito tempo perdida e mesmo esquecida antes que fosse resgatada e empregada como base para a edição fac-similar publicada por José Nascimento Moraes Filho, em 1975, com seu título original *Úrsula: romance original brasileiro*. Tivemos acesso a uma versão integral digitalizada desse fac-símile e a empregamos como a referência de nosso trabalho comparativo-analítico. Escolhemos uma edição monotestemunhal modernizada e integral, realizada pelo “Projeto editorial integral Eduardo Rodrigues Vianna”, publicada sob o título abreviado de *Úrsula* (2018a), com o propósito de ampliar o acesso do público ao texto por meio de seu sistema de registro unicamente eletrônico. O projeto apresenta uma louvável preocupação com a acessibilidade dos textos da Literatura Brasileira de modo geral.

A edição de Eduardo Rodrigues Vianna, contudo, valeu-se de uma transcrição digital da fac-similar, feita por Bruno Cocunato Claro (s/d), e a partir dela empreendeu a modernização do texto dado a lume em sua nova edição. Observamos em nossa análise que essa transcrição digital, em vez de conter um grau baixo de mediação, ou seja, de se

manter fiel ao texto contido na edição fac-similar, contém um alto grau de mediação: muitos são os erros encontrados na edição de Vianna que, na verdade, remontam ao texto dessa transcrição. Embora não possamos ter muita certeza sequer dessa informação, já que a edição da única transcrição digital feita a partir da edição fac-similar que nós encontramos praticamente não contém um aparato paratextual (o próprio nome de Bruno Cocunato Claro, por exemplo, só encontramos porque aparece especificado num agradecimento contido na edição de Vianna).⁵

A edição de Vianna fundamenta-se num procedimento errôneo em termos de método da crítica textual. Ao tomar como base o texto da transcrição eletrônica sem cotejar diretamente o texto da edição fac-similar, ainda que *a posteriori*, o editor assumiu o risco de incorporar ao próprio texto uma série de lições textuais não presentes no original. É de conhecimento comum que a transcrição textual, ou seja, a reprodução com mudança do sistema de registro, não é um processo simples: quando mediada por máquina, problemas podem vir, “em parte, da leitura que a máquina — isto é, o escâner — faz da imagem do modelo e, em parte, do programa de reconhecimento óptico de caracteres” (CAMBRAIA, 2005, p. 178); quando mediada por pessoa, “verificam-se praticamente os mesmos erros de uma cópia manuscrita, pois o processo é muito parecido” (CAMBRAIA, 2005, p. 177). À luz desses apontamentos, acreditamos, inclusive, que a transcrição eletrônica de Claro tenha empregado mediação humana. Em todo caso, cumpre destacar que um cotejo com o original *a posteriori* poderia ter evitado grande parte das formas não genuínas incorporadas ao texto publicado pela edição de Vianna.

Em nosso trabalho faremos uma revisão, ou seja, “um estudo das fontes com o objetivo de se compreender a tradição de um dado texto” (CAMBRAIA, 2005, p. 133). A tradição desse texto de Firmina é impressa e digital. Primeiramente, fizemos uma colação, onde comparamos as duas edições eleitas para nosso trabalho comparativo-analítico, a fac-similar (1975) e a modernizada de Vianna (2018a); encontramos os lugares críticos (onde há divergência de lições), que reproduzimos a seguir, dentro de uma tipologia básica de erros, na sequência em que aparecem no texto. Notamos os seguintes padrões em relação aos tipos de erros: conjuntivos (quando o erro está presente na transcrição e é reproduzido na edição de 2018, ou seja, quando este depende

⁵ O agradecimento está presente na mesma página em que constam as informações de sua edição digital: “Com um agradecimento a Bruno Cocunato Claro, que disponibilizou os arquivos de texto editáveis com a ortografia original, corrente em 1859, de que nos servimos para realizar a atualização ortográfica.” (VIANNA *apud* REIS, 2018, p. 2).

daquele) e separativo (quando não ocorre essa relação de dependência). A maioria dos erros da edição modernizada de *Úrsula* (2018a) é conjuntivo com relação à transcrição digital (s/d), pois tem uma relação direta com os erros cometidos nesta. Assinalaremos explicitamente quando não for esse o caso.

Antes de passar à reprodução dos lugares-críticos, aproveitamos para destacar que ambas as edições estão em domínio público, de acordo com a Lei nº 9.610/1998 (CAMBRAIA, 2019). Gostaríamos ainda de chamar atenção para a excelência da edição cujo texto foi estabelecido por Maria Helena Pereira Toledo Machado, com publicação pela editora Penguin Classics Companhia das Letras em 2018. Numa “Nota sobre o estabelecimento do texto”, a própria estudiosa esclarece a importância histórica dessa obra e o cuidado necessário com seu trabalho de edição para que a escrita de Maria Firmina dos Reis não seja descaracterizada. O parágrafo em que ela explica os princípios norteadores de suas escolhas é emblemático de seu cuidado — que, em nossa avaliação, só parece ter deslizado num único ponto (sobre o qual comentaremos a seguir) — e poderia ser tomado como paradigmático nas edições modernizadoras de textos brasileiros:

O texto aqui reproduzido foi cotejado com o fac-símile da primeira edição, de 1859, de modo que a diferença entre este e aquele consiste em: atualização de grafia segundo o Acordo Ortográfico de 1990; padronização da pontuação indicativa de falas e pensamentos; correção de erros tipográficos e, eventualmente, gramaticais, como concordância e conjugação verbal. No mais, seguimos as escolhas da autora, preservando a colocação pronominal, a pontuação, assim como a substituição dos topônimos por asteriscos. (MACHADO, 2018, p. 43).

REPRODUÇÃO DOS LUGARES-CRÍTICOS

Organizamos nossos lugares-críticos segundo uma tipologia básica a partir de todos os erros encontrados em nossa leitura. Essa tipologia organiza-se em torno aos seguintes eixos: adição, omissão e substituição. Não encontramos qualquer exemplo do erro que consiste na alteração da ordem. Para facilitar o entendimento, destacamos os erros em negrito. Na coluna da esquerda, transcrevemos a passagem como ela se encontra na edição fac-similar de 1975 e, na coluna da direita, a passagem da edição modernizada por Vianna (2018a).

Adição

Edição fac-similar, 1975	Edição modernizada, 2018a
Violenta, terrível, espantosa tinha sido a crise, e Tulio velava á cabeceira do enfermo. A noite ha muito que tinha desdobrado sobre a terra seo pesado manto de escuridão, animando dest'arte o profundo silencio dos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longiquos palmares, ou pelo gemido triste de sentido noitibó, ou os agoureiros pios do acahuan. (p. 21)	VIOLENTA, TERRÍVEL, ESPANTOSA tinha sido a crise, e Túlio velava à cabeceira do enfermo. A noite há muito que tinha desdobrado sobre a terra seu pesado manto de escuridão, animando destarte o profundo silêncio dos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longínquos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longínquos palmares, ou pelo gemido triste de sentido noitibó, ou os agoureiros pios do acauã. (p. 25)

Omissão

Edição fac-similar, 1975	Edição modernizada, 2018a
Senhor Deos! quando calará no peito do homem a tua sublime maxima — ama a teu proximo como a ti mesmo —, e deixará de opprimir com tam reprehensivel injustiça ao seu semelhante!.. a aquelle que tambem era livre no seu paiz... a aquelle que é seu irmão?! (p. 14)	Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima — ama a teu próximo como a ti mesmo —, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante. Àquele que é seu irmão! (p. 19)
A DECLARAÇÃO DE AMOR (p. 30)	DECLARAÇÃO DE AMOR (p. 33)
Entretanto, n'essa madrugada em que Ursula, ferida pela mais profunda angustia, sentára-se junto ao altivo jatubá que ficava a cavalleiro ás demais arvores, pensava em que o mancebo hia n'esse mesmo dia partir, e esse pensamento era-	Entretanto, nessa madrugada em que Úrsula, ferida pela mais profunda angústia, sentara-se junto ao altivo jatobá que ficava cavaleiro às demais árvores; pensava em que o mancebo ia nesse mesmo dia partir, e esse pensamento era-

<p>lhe como o leito de Procusto, e o coração desfalecia-lhe de dor, a vida parecia-lhe agora inutil e fastidiosa. (p. 35)</p>	<p>lhe como o leito de Procusto. O coração desfalecia-lhe de dor, a vida parecia-lhe agora inútil e fastidiosa. (p. 37)</p>
<p>— Vós?! — Repetti-m’as, repetti-m’as ainda uma vez essas enebriantes palavras que transportam-me! (p. 40)</p>	<p>— Vós?! Repeti, repeti ainda uma vez essas inebriantes palavras que transportam-me! (p. 42)</p>
<p>Adelaide é uma pobre orphan, e teu pae nao consentirá que sejas seo esposo. (p. 48)</p>	<p>Adelaide é pobre órfã, e teu pai não consentirá que sejas seu esposo. (p. 48)</p>
<p>Seo crime? Oh! meo pae! oh meo pai... minha mãe era uma angelica mulher, e vós, implacavel no vosso odio, invenenastes-lhe a existencia, a roubastes ao meo coração... (p. 71)</p>	<p>Seu crime? Oh, meu pai. . . Minha mãe era uma angélica mulher, e vós, implacável no vosso ódio, envenenastes-lhe a existência, a roubastes ao meu coração... (p. 69)</p>
<p>— É verdade! — “tornou a pobre paralytica” — e a nossa casa vai-se tornando cada vez mais isolada e mais triste!” (p. 74)</p>	<p>— É verdade! — tornou a pobre paralítica — e a nossa casa vai-se tornando cada vez mais isolada e triste! (p. 72)</p>
<p>E para que pensar temerariamente, quando já me acho tão proxima do meo fim, e tantas culpas tenho para com aquelle que a todos nós ha de julgar? (p. 82)</p>	<p>E para que pensar temerariamente, quando já me acho tão próxima do meu fim, e tantas culpas para com aquele que a todos nós há de julgar? (p. 78)</p>
<p>Esta conversão assemelha-se a todos os actos de sua vida: esta conversão deve nos ser funesta! (p. 115)</p>	<p>Esta conversão assemelha-se a todos os atos de sua vida: esta conversão deve nos funesta! (p. 107)</p>
<p>Ah! este é o lugar de meo nascimento; mas que eu detesto, que eu amaldição do fundo da minha alma; porque aqui minha pobre mãe, à força de tratos os mais barbaros, acabou seos miseros dias! (p. 136)</p>	<p>Ah, este é o lugar de meu nascimento; mas que detesto, que eu amaldiço o do fundo da minha alma, porque aqui minha pobre mãe, à força de tratos os mais bárbaros, acabou seus míseros dias! (p. 124)</p>

Mas o phantasma ahi veio perseguil-os; elle feixou os olhos, depois abrio-os para fital-os sobre a donzella adormecida, e estremeceo. (p. 183)	(omissão de toda a frase) (p. 164)
Julgava-o resignado, e escondido no fundo de sua fasenda, amaldiçoando-lhe a ventura, ou sonhando com illusões fagueiras de que Ursula, mais tarde, medrosa de o ter desdenhado, fosse correndo implorar-lhe perdão. (p. 163)	Julgava-o resignado, e escondido no fundo de sua fazenda, amaldiçoando-lhe a ventura, ou sonhando ilusões fagueiras de que Úrsula, mais tarde, medrosa de o ter desdenhado, fosse correndo implorar-lhe perdão. (p. 147)
Casou segunda vez e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante bellesa, a arrastou de afflicção em afflicção até o desespero. (p. 198)	Casou segunda vez e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou de aflicção até o desespero. (p. 177)
Ursula, pude esquecel-a para sempre, sim! esquecel-a! e esquecer com ella não o amor que sentia; porque esse ha muito que me morreo no coração; mas o odio, o odio, que lhe votava. (p. 38)	Esquecê-la! E esquecer com ela não o amor que sentia, porque essa há muito que me morreu no coração, mas o ódio, o ódio que lhe votava. (p. 40)

Substituição

Edição fac-similar, 1975	Edição modernizada, 2018a
Desperta porem em breve d'essa doce illusão, ou antes sonho em que se engolphára, e a realidade oppressora lhe apparece — é escravo e escravo em terra estranha ! (p. 28)	Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonha que a engolfara, e a realidade oppressora lhe aparece — é escravo e escravo em terra estranha! (p. 31)
Ursula sentou-se sem o menor reparo n'um desses degrãos, e continuou nos seus pensamentos loucos, ou talvez innocentes como a sua alma; mas profundos, penosos para ella, que pela vez primeira sentia a necessidade de uma	Úrsula sentou-se sem o menor reparo num desses degraus, e continuou nos seus pensamentos loucos, ou talvez innocentes como a sua alma; mais profundos, penosos para ela, que pela vez primeira sentia a necessidade de uma alma que

alma, que comprehendesse a sua, de um pensamento que se harmonisasse com o seo. (p. 34)	compreendesse a sua, de um pensamento que se harmonizasse como o seu. (p. 36-37)
Vós, Úrsula, apparecestes, e espancastes as trevas de tão apurado soffrimento — Fostes o meo anjo Salvador. (p. 38)	Vós, Úrsula, apparecestes, e espantastes as trevas de tão apurado soffrimento; fostes o meu anjo salvador. (p. 40) ⁶
Depois de tão longo e apurado soffrimento, depois de ter esgotado até as fezes o meo calix de amargura, votei odio áquella que me fora tão cara. (p. 41)	“Depois de tão longo e apurado soffrimento, depois de ter esgotado até as fezes o meu cálice de amargura, votei ódio àquela que fora tão cara.” (p. 43) ⁷
Suposto a voz de Luisa nada tivesse de reprehensiva, todavia Ursula corou de envergonhada, e ao mesmo tempo o remorso lhe errou na alma. (p. 73)	Suposto a voz da mãe de Úrsula nada tivesse de repreensiva, todavia Úrsula corou de envergonhada, e ao mesmo tempo o remorso lhe errou na alma. (p. 71) ⁸
E a senhora B. . . notando que seo hospede estava commovido, e attribuindo ao exordio da sua conversaço , a commoço do mancebo, apressou-se em dizer-lhe: (p. 78)	E a senhora B., notando que seu hóspede estava comovido, e attribuindo ao exórdio da sua conversão a comoço do mancebo, apressou-se em dizer-lhe: (p. 75-76)
Brilhou alfim a alvorada, que espancou essa noite tão longa, e de tantas dores. (p. 112)	Brilhou alfim a alvorada, que espantou essa noite tão longa, e de tantas dores. (p. 104) ⁹
O morto dorme o somno eterno, e a sua campa é muda, como os seos labios! (p. 125)	O morto dorme o sono eterno, e a sua campanha é muda como os seus lábios. (p. 115)
Esse tropear de cavallos em demanda do	Esse tropear de cavalos em demanda do

⁶ Erro exclusivo dessa edição.

⁷ Embora a passagem possa parecer mera atualização de “cálix” para “cálice”, notamos certa hesitação por parte de Vianna (2018) com relação a isso, pois, na página anterior da edição fac-similar, a palavra “calix” tinha aparecido e foi mantida assim na versão modernizada.

⁸ Na transcrição digital (s/d, p. 106), encontra-se o seguinte erro por substituição (que leva ao erro supracitado, também por substituição, cometido certamente com o objetivo de tentar consertar o contrassenso da lição transcrita): “Suposto a voz de **Ursula** nada tivesse de reprehensiva, todavia Ursula corou de envergonhada, e ao mesmo tempo o remorso lhe errou na alma.” Esse talvez seja o trecho mais revelador de que transcrição digital empreendida nessa edição foi mediada por uma pessoa.

⁹ Erro exclusivo dessa edição.

lugar em que se achava, ella julgaria ser o nuncio da má vinda de seo tio, que a vinha perseguir, augmentando por ess'arte o sofrimento da sua alma. (p. 128)	lugar em que se achava, ela julgaria ser o anúncio da má vinda de seu tio, que a vinha perseguir, aumentando por essa arte o sofrimento da sua alma. (p. 117)
Blasphemando horridamente tinha chegado à porta de sua casa, desatinado e furioso. (p. 152)	Blasfemando horrivelmente tinha chegado à porta de sua casa, desatinado e furioso. (p. 138) ¹⁰
Ao entrar fez uma respeitosa cortesia ao commendador, que a não correspondeo , e disse: (p. 152)	Ao entrar fez uma respeitosa cortesia ao comendador, que a não respondeu , e disse: (p. 138)
O ex-feitor deo então as redeas ao seo cavallo; deixou passar aquella victima resignada de tão implacavel cholera , e tocado pela sublime brandura d'aquella velha africana (p. 154)	O ex-feitor deu então as rédeas ao seu cavalo; deixou passar aquela vítima resignada de tão implacável choldra , e tocado pela sublime brandura daquela velha africana (p. 140) ¹¹
O commendador tentou espancar do espirito essa ideia, que lhe voltava incessante, e elle cahio em dolorosa prostração, que excitaria dó em quem não soubesse os seos nefandos crimes. (p. 183)	O comendador tentou espantar do espirito essa ideia, que lhe voltava incessante, e ele caiu em dolorosa prostração, que excitaria dó em quem não soubesse os seus nefandos crimes. (p. 164) ¹²
Ella ludibriara o decrepito velho, que a roubára ao filho, e elle em seos momentos de ciume impotente amaldiçoava a hora em que a amára. (p. 197-198)	Ela ludibriara o decrepito velho, que a roubara ao filho, e ele em seus momentos de crime , impotente, amaldiçoava a hora em que a amara. (p. 177)

DISCUSSÃO DAS VARIANTES

¹⁰ Erro exclusivo dessa edição.

¹¹ Erro exclusivo dessa edição.

¹² Erro exclusivo dessa edição.

Separamos alguns lugares-críticos para discutir certos aspectos das variantes textuais encontradas em nosso trabalho comparativo-analítico. Em primeiro lugar, o único caso de adição, quando a p. 25 da edição modernizada de Vianna (2018a) acrescenta o seguinte trecho (não constante da p. 21 do fac-símile): “[...] bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longínquos palmares, [...]”. Uma leitura do contexto desse trecho deixa muito claro que o emprego de dois substantivos masculinos plurais de sentido relativamente próximo (“bosques” e “palmares”), na mesma frase do original, fez com que Claro (s/d), o responsável pela transcrição digital (da qual é dependente a edição modernizada de Vianna), cometesse uma espécie de salto-bordão para trás e acrescentasse uma repetição da expressão que acabara de copiar:

<p>[...] animando dest’arte o profundo silencio dos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longiquos palmares [...] (p. 21)</p>	<p>[...] animando destarte o profundo silêncio dos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longínquos bosques, apenas interrompido pelo roçar do vento nos longínquos palmares [...] (p. 25)</p>
---	--

Na sequência, abordamos alguns casos de omissão. O primeiro deles ocorre na p. 19 da edição modernizada de Vianna (2018a), quando suprime o seguinte trecho original: “a aquelle que tambem era livre no seu paiz...”. Aqui, mais uma vez, a leitura do contexto imediato permite compreender a razão do erro, afim àquela que motivou o erro anteriormente discutido. A repetição da expressão “a aquelle que” em dois pontos muito próximos no texto original levou o editor da transcrição digital a realizar um salto-bordão e omitir a frase em que a expressão ocorria pela primeira vez:

<p>[...] e deixará de opprimir com tam reprehensível injustiça ao seu semelhante!.. a aquelle que tambem era livre no seu paiz... a aquelle que é seu irmão?! (p. 14)</p>	<p>[...] e deixará de opprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante. Àquele que é seu irmão! (p. 19)</p>
--	--

Outra omissão digna de nota é aquela que acontece na p. 42 da edição modernizada (2018a), quando os pronomes oblíquos átonos (“me” e “as”) da versão

original são simplesmente suprimidos pelo editor. O procedimento não é de todo incomum na prática editorial modernizadora adotada por Vianna e ocorre em outros trechos de sua edição. O que chamou nossa atenção nesse caso específico, contudo, foi que nesse mesmo lugar crítico a edição de Maria Helena Pereira Toledo Machado (2018b) adota, pela única vez (segundo nossa análise), uma lição que não nos parece correta à luz do original, pois ela propõe a substituição dos pronomes oblíquos átonos (“me” e “as”) pelo advérbio “mais”. Ficamos, portanto, assim:

- i. Fac-símile (1975): “Repetti-m’as, repetti-m’as ainda uma vez essas enebriantes palavras [...].”
- ii. Vianna (2018a): “Repeti, repeti ainda uma vez essas inebriantes palavras [...].”
- iii. Machado (2018b): “Repeti mais, repeti mais ainda uma vez essas inebriantes palavras [...].”

Passemos, enfim, aos casos de substituição. O primeiro deles ocorre na p. 31 da edição modernizada (2018a), quando o substantivo “sonho” da p. 28 do fac-símile é substituído pelo verbo “sonha”, acarretando ainda uma mudança sintática. O que certamente foi um erro de leitura na transcrição digital (“sonho” > “sonha”) acaba por ganhar maiores proporções quando Vianna tenta consertar o que lhe parece apenas um problema sintático:

Desperta porem em breve d'essa doce illusão, ou antes sonho em que se engolphára [...] (p. 28)	Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonha que a engolfara [...] (p. 31)
---	--

O segundo exemplo de substituição — que será o quinto e último caso de erro discutido por nós aqui — apresenta uma recorrência relativamente considerável, pois aparece em três momentos diferentes do texto. Ele consiste basicamente na substituição de alguma forma conjugada do verbo “espancar” pela forma conjugada equivalente do verbo “espantar”. As ocorrências encontram-se nas pp. 38, 112 e 183 do fac-símile, aparecendo respectivamente nas pp. 40, 104 e 164 da edição modernizada de Vianna. A motivação por trás desse erro parece ter vindo do espanto por parte do editor moderno diante de um verbo tão violento sendo praticado no enredo por agentes singelos, como Úrsula e a alvorada. Incomodado com isso, ele deve ter imaginado que, no passado, o verbo “espancar” talvez tivesse um sentido análogo ao de “espantar”. Acontece,

contudo, que o *Vocabulario portuguez e latino*, escrito pelo Padre D. Raphael Bluteau e publicado em Coimbra em 1712 (*sic*), dá como o sentido do verbo “espancar” algo muito análogo àquilo que consideramos vigente ainda hoje: “Dar com pao, maltratar com pancadas” (BLUTEAU, 1712, p. 257). Assim sendo, o motivo para a substituição parece ter sido o desconforto do editor, diante destes trechos:

- “Vós, Ursula, apparecestes, e espancastes as trevas de tão apurado soffrimento [...]” (REIS, 1975, p. 38);
- “Brilhou alfim a alvorada, que espancou essa noite tão longa, e de tantas dores.” (REIS, 1975, p. 112);
- “O commendador tentou espancar do espirito essa ideia, que lhe voltava incessante, e elle cahio em dolorosa prostração [...]” (REIS, 1975, p. 183).

CONCLUSÃO

Nosso breve levantamento de edições do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, identifica um crescimento no interesse em torno a essa obra desde o final do século XX até os dias de hoje. Isso se reflete no número considerável de edições recentes, incluindo edições eletrônicas e de acesso livre, com propósitos de divulgação da obra da autora. Essa tendência é muito positiva e indica o resultado de campanhas de conscientização sobre a importância literária, cultural e social de Maria Firmina dos Reis, inclusive como uma das vítimas que se rebelou contra os sistemas de opressão e exclusão de pessoas negras e/ou do sexo feminino e/ou pobres. O reconhecimento de *Úrsula* como um dos marcos fundamentais da literatura afro-brasileira tem contribuído para a difusão dessa obra e para uma compreensão mais atenta de características distintivas de sua composição literária.

Ainda assim, como buscamos demonstrar na análise dos lugares-críticos de uma dessas edições eletrônicas recentes, o esforço de difusão da obra nem sempre se faz acompanhar por um rigor filológico no estabelecimento de seu texto. Enquanto é preciso louvar toda iniciativa que tenha por objetivo ampliar o acesso ao conhecimento por meio da disponibilização dos meios necessários para desenvolvê-los, é fundamental que nos guiemos pelos princípios científicos reconhecidos nas diversas áreas do saber para que esse processo se dê com segurança e em respeito ao direito de todas as partes envolvidas nesse processo. Não detectamos nada parecido com um processo sistemático

de censura ou supressão de trechos da obra de Maria Firmina dos Reis nas edições aqui analisadas, mas algum descuido no manejo dos princípios mais básicos de crítica textual na forma como uma edição eletrônica procedeu. Talvez fosse possível aventar motivações de ordem político-ideológica para o tipo de erro constante em alguns dos lugares-críticos apontados em nossa análise, mas acreditamos que o mais seguro seja creditá-los ao descuido de quem — provavelmente sem uma formação acadêmica na área de crítica textual — aceitou o desafio de se lançar à aventura de edição e atualização de um texto bastante complicado e digno dos maiores cuidados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5440>>. Acesso em 25 mar. 2021.

CAMBRAIA, César. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMBRAIA, César. “Tutela dos direitos autorais: o que a lei protege em uma edição?” *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (2): 17-41, jul. dez. 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 6. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017.

MACHADO, Maria Helena Pereira Tolento. Introdução — Maria Firmina dos Reis. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018, p. 7-43.

MORAIS, José Nascimento, Filho. *Maria Firmina: Fragmentos de uma vida*. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhã, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: romance original brasileiro*. Edição fac-similar organizada por José Nascimento Moraes Filho. Prefácio de Horácio de Almeida. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luís: Governo do Maranhão, 1975. Disponível em: <<https://rl.art.br/arquivos/5656766.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.

_____. *Úrsula*. Projeto editorial integral Eduardo Rodrigues Vianna. 2. ed. Jundiaí, SP: Cadernos do Mundo Inteiro, 2018a. Disponível em: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em 16 mar. 2021.

_____. *Úrsula*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018b.

_____. *Úrsula*. Primeira edição digital. S/d. Disponível em: <https://odanoburu.github.io/ursula/>. Acesso em 25 mar. 2021.

REYNOLDS, L. D.; WILSON, N. G. *Scribes and Scholars: A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature*. 3rd ed. Oxford: Clarendon Press, 1991.

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. Des(p)ejo das palavras: relendo os primeiros diários de Carolina Maria de Jesus. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, 2019, p. 1-13.